

A AÇÃO POLÍTICO-EDUCATIVA DO SINTIGRACE: uma incursão na subjetividade revolucionária

Tânia Serra Azul Machado Bezerra

(Professora Adjunta UFPI)

Maria Luzirene Oliveira do Nascimento

(Graduanda em Pedagogia UFPI)

Gilson de Sousa Oliveira

(Mestre em Educação UFC)

RESUMO

Neste texto apresentamos debate delineado sobre o registro político-educativo de luta e resistência social no SINTIGRACE (Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Gráfica, da Comunicação Gráfica e dos Serviços Gráficos do Estado do Ceará). Referenciados por uma análise marxista da realidade e, pautados no materialismo histórico-dialético como método de investigação, objetivamos analisar e registrar o processo constituidor da consciência de classe no meio operário, como também compreender suas ações cotidianas que configuram saberes e fazeres abstraídos a partir da categoria luta de classes. Refletimos no tecido destas relações sociais as condições objetivas/subjetivas que relacionam as categorias marxismo, educação, consciência e luta de classes no SINTIGRACE, compreendendo como o princípio da contestação e do esclarecimento é capaz de (re)contar as ações proletárias no Ceará. Caminhamos no sentido de descobrir as leis peculiares ao surgimento e desenvolvimento dessa ação político-formativa que, em nossas conclusões, fertiliza a constituição de uma atitude crítico-combativa, ao que concluímos em resultado de pesquisa, como luta/consciência de classe.

Palavras-chaves: Subjetividade Revolucionária; Ação Político-educativa; Trabalho; Educação.

1 APRESENTAÇÃO

A proposta investigativa que orienta nossas hipóteses de doutoramento intenciona um mergulho no *ser da classe* trabalhadora, em meio a um histórico processo de desarticulação e individualização¹. Objetivamos, embora pareça pretensioso, ir além das características fenomênicas contemporâneas da dilapidação da subjetividade revolucionária, entendendo ser este um elemento necessário ao enfrentamento de um

¹ Ante as metamorfoses por que passou o capitalismo, nas últimas décadas do século XX, o processo produtivo reestrutura-se para atender a uma intensificação da exploração do trabalho, baseada nas leis de mercado, efetivando as necessidades fundamentais da manutenção do lucro na produção. Com efeito, o neoliberalismo, forma política desse processo, propõe a minimização do Estado em seus aspectos econômicos e sociais. Essas retrações estatais, refletidas na crise do Estado de Bem-Estar Social, têm como consequência a redefinição da segregação social, a precarização do trabalho, o aumento da miséria, a expansão do mercado informal e do desemprego estrutural.

capitalismo mundializado. A ideia é a aproximação com sujeitos que resistem² no tempo, driblam a desregulamentação capitalista e conservam uma ética³ marxista, pautados em princípios de solidariedade de classe e defesa de um modelo de sociedade que obstaculiza a exploração do homem pelo homem.

Trabalhamos a relação entre ser, pensar e agir, ou seja, entre a realidade objetiva vivenciada por estes trabalhadores nestas circunstâncias específicas e suas consequências para a formação da consciência de classe, em meio ao movimento teórico-prático elucidado por Marx (2004):

Somente no contexto social é que o subjetivismo e o objetivismo, o espiritualismo e o materialismo, a atividade e a passividade, deixam de ser e de existir como contradições. A resolução das contradições teóricas somente é provável por intermédio dos meios práticos, por meio da energia prática do homem. Por isso, a sua resolução não constitui de modo algum apenas um problema de conhecimento, mas é um problema real da vida que a filosofia não conseguiu resolver justamente porque a considerou só como problema puramente teórico. (P. 144).

Desta feita, indagações inundam nossas inquietações investigativas: como se constitui a subjetividade revolucionária? O que a nutre? Em que bases se desenvolve e se torna complexa? Ainda é possível pensar em uma práxis revolucionária em tempos de cooptação e descrença? Como as organizações proletárias, ante a mundialização do capital, podem intensificar a permanente formação da consciência de classe?

O SINTIGRACE apresenta-se para nós como espaço laboratorial que permite a apreensão do conceito consciência de classe como categoria real e histórica. Analisamos essa experiência em seu sentido concreto, operando com base no método dialético e refletindo sobre os aspectos contraditórios desse cenário de antagonismos sociais e luta. Caminhamos no sentido de descobrir as leis peculiares ao surgimento e desenvolvimento dessa ação político-formativa que fertiliza a constituição de uma atitude crítico-combativa, ao que concluímos em resultado de pesquisa, como consciência de classe. Entretanto,

² Essa “resistência no tempo” diz respeito a um movimento de vanguarda que existe como pano de fundo de nossa pesquisa de campo. Os sujeitos em estudo são apoiados por pessoas engajadas com organizações de esquerda pertencentes ao movimento revolucionário de 1968. Esta relação transfere ao grupo determinada estrutura dos partidos leninistas da época.

³ Quando nos referimos à expressão “ética marxista” nos reportamos a princípios e valores subjetivos inerentes a uma prática revolucionária.

Essa consciência não é, portanto, nem a soma, nem a média do que cada um dos indivíduos que formam a classe pensam, sentem etc. E, no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada em última análise, por essa consciência e não pelo pensamento do indivíduo; essa ação só pode ser conhecida a partir dessa consciência. (LUKÁCS, 2003, p. 142).

Vale enfatizar o fato de que os resultados apontados se referem aos conceitos e ações produzidos/efetivados coletivamente por este conjunto de sujeitos reflexivos que não depositam exclusividade à categoria dos profissionais gráficos, mas se ampliam às pessoas diversas que se organizam naquele espaço, pertencentes a diferentes setores trabalhistas. As pessoas que se reúnem em estudos e protestos no SINTIGRACE não se restringem aos gráficos - “o que importa aqui é saber em que medida elas estão em condições de se conscientizar das ações que devem executar e executam efetivamente para conquistar e organizar sua posição dominante”. (LUKÁCS, 2003, p. 144).

É perante a precarização e a destituição das lutas proletárias que elencamos como *locus* de nossa pesquisa o grupo de estudos/práxis composto por trabalhadores diversos que se reúnem no Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Estado do Ceará. A escolha ocorre pelo fato de estes indivíduos, em tempos de individualização, dedicarem-se a uma autoformação⁴ - grupo de estudos e atividades de trabalhadores norteados por princípios marxistas. Em caráter dialógico e reflexivo, constituem ciclos de cultura e debates, a fim de abordar assuntos como Economia Política, Filosofia e (Neo)liberalismo, como também outros temas que envolvem a conjuntura política, empenhados no enfrentamento da atual empreitada capitalista.

2 UMA INCURSÃO NA SUBJETIVIDADE REVOLUCIONÁRIA

Tudo aquilo que tu não podes, pode o teu dinheiro:
Ele pode comer, beber, ir ao baile, ao teatro, sabe de arte,
De erudição, de raridade histórica, de poder político,
Pode viajar, pode apropriar-se disso tudo para ti;
Pode comprar tudo isso;
Ele é verdadeira capacidade.
(...) Todas as paixões e toda atividade têm, portanto,
De naufragar na cobiça.
Ao trabalhador só é permitido

⁴ Denominamos autoformação por tratar-se de um movimento formativo não vinculado a qualquer instituição formal de educação e por ter sido constituído com suporte na iniciativa dos próprios trabalhadores, que, por motivos ainda não completamente esclarecidos, procuram se apropriar de uma gama de novos conhecimentos.

Ter tanto para que queira viver,
E só é permitido querer viver para ter.
(MARX, 2004, p. 142).

Em virtude da existência objetiva das situações mencionadas por Marx (2004), extremos da exploração/estranhamento, é que compreendemos, nas reuniões no SINTIGRACE, a necessidade de constituição da consciência *para si*, na elaboração de estratégias que superem a esfera do estranhamento. Isso porque não se pode aceitar acriticamente a entrega do homem, suas paixões e atividades, à cobiça e ao supérfluo. Estes aspectos que intensificam as *leis abstratas* (MARX, 2004) da dilapidação do trabalhador, baseada no interesse individualizado do capitalista e na atividade produtiva estranhada. Temos, assim, o estímulo á gananciosa concorrência e à expansão dos lucros e, com ela, contraditoriamente, a emergência da resistência dos grupos não hegemônicos na corrida contra a hegemonia do capital. Seria este o caso dos gráficos?

A questão que temos imediatamente à nossa frente não é a dos limites da experiência, mas a maneira de alcançá-la, ou produzi-la. A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. (E.P. THOMPSON, 1981, p. 16).

Assim é que apreendemos a experiência histórico-educativa em curso no SINTIGRACE que, em nossa compreensão, constitui terra rica para a transição da consciência *em si* à consciência *para si*. No que se refere ao procedimento metodológico de investigação, tendo como ponto de partida a interlocução de fontes orais e escritas, a respeito desta vivência coletiva que busca no domínio de si possibilidades de uma luta engajada e consciente de trabalhadores. Temos, portanto, interesse pelas narrativas do grupo em estudo, porque acreditamos que a história das lutas e resistências sociais é registro vivo na memória de militantes que, dia a dia, se debatem com as contradições, antagonismos, rupturas e permanências.

O interesse pela trajetória político-formativa experienciada no SINTIGRACE acontece no sentido de compreender como, no século XXI, ocorre a constituição de uma subjetividade pensada por nós como revolucionária. Igualmente, procuramos registrar e exprimir como *locus* de reflexão a óptica e versão das experiências destes agentes sociais

destacados para a formação de um eixo de enfrentamento aos ataques capitalistas contemporâneos. A elaboração da memória se dá no presente e, é do presente e para responder as solicitações feitas no presente que a rememoração recebe incentivos, pois,

(...) a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil e recusa seus conselhos, a sociedade capitalista desarma mobilizando mecanismos pelos quais oprime, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa [...] Destruindo os suportes da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros [...] Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, mas também porque outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos [...] Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças [...] lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição. (BOSI, 1994. p. 18, 19, 20).

Sabemos que, com o desenrolar histórico da exploração do homem pelo homem, a voz das camadas populares foi suprimida. Exíguos são os textos em que podemos observar a presença da interpretação dos fatos sob o olhar do trabalhador. O registro da memória dos oprimidos foi cerceado ao longo dos tempos, isto porque a história oficial tem o intuito de impossibilitar o protesto, a denúncia, a insatisfação. Isto posto, na tentativa de subversão metodológica, temos como fonte privilegiada de análise a memória-histórica narrada oralmente pelos próprios sujeitos envolvidos no fenômeno em estudo. Transformadas em textos, estas narrativas demonstram que é possível, segundo Portelli, 1996,

(...) trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e práticas objetivas articuladas de maneira diferente e que possuem mobilidade em toda narração ou entrevista, ainda que, dependendo das gramáticas, possam ser reconstruídas apenas parcialmente. (P. 64).

Assim, mediante as experiências de lutas e resistências sociais lembradas e/ou esquecidas, suprimidas e/ou oprimidas é possível reabrir alguns capítulos da história do ideário revolucionário com arrimo numa (re)leitura do marxismo no século XXI; dado que é na práxis de luta que os homens se (re)inventam, ou melhor, se conscientizam da necessidade de transformação das relações opressoras que os condenam a fome, ao preconceito e a mais completa precarização da existência, até porque,

(...) os indivíduos não podem exercer domínio sobre suas interconexões sociais antes que as tenham criado. Mas constitui uma idéia inaceitável conceber esse vínculo objetivo como um atributo espontâneo, natural, dos indivíduos e inseparável de sua natureza (em antítese com seu conhecimento e vontade conscientes). Esse vínculo é produto deles. É um produto histórico. Pertence a uma fase específica de seu desenvolvimento. O caráter estranho e independente através do qual ele atualmente existe vis à vis aos indivíduos apenas prova que esses últimos ainda estão envolvidos na criação das condições de sua vida social e que eles ainda não começaram, tendo como base essas condições, a vivê-lo (...). Indivíduos universalmente desenvolvidos... não são de modo algum, um produto da natureza, mas da história. (MARX, 1890, p. 161).

A análise nos permite vislumbrar os trabalhadores em estudo, porque vivenciam uma formação política de produção própria, estada em seus valores e objetivos na condição de grupo em processo de (re)tomada de si. A ação educativa que desempenham, aliada à práxis de luta, é produto de um histórico de lutas travado por esses sujeitos. Então, apesar de não poderem romper efetivamente com as condições de opressão que subjagam a classe trabalhadora, procuram criar condições que favoreçam uma formação emancipadora e uma prática revolucionária consciente que não aconteceu ao acaso, tem bases históricas e concretas, alicerçadas em uma perspectiva marxista da realidade.

É nessa ambiência que compreendemos a relevância da práxis do SINTIGRACE, pois esta nos desvela, pouco a pouco, o papel que a educação, aliada a um movimento organizado de trabalhadores, pode assumir. Embora saibamos das limitações que esse tipo de prática possui em um sistema capitalista, cabe enfatizar que os elementos empíricos apontam para a constituição de uma sociabilidade reflexiva capaz de engendrar interpretações críticas sobre a realidade vivenciada. Denuncia um entrevistado:

Os rumos do sindicalismo são sombrios, é triste dizer, mas, já fizemos uma análise aqui no nosso sindicato, que “o fim do sindicalismo” já está quase no fim, (risos) o fim do sindicalismo está próximo, porque eu pergunto uma coisa para vocês: quais são as lutas que estamos vendo nesse país hoje? Em termos de sindicalismo? (TRABALHADOR, 2007).

Trata-se de uma resposta difícil de formular, uma vez que vemos em curso uma nítida desarticulação dos movimentos sociais. É nessa direção que o grupo investigado apresenta características de enfrentamento a esse processo, indo de encontro às novas posições que o sindicalismo brasileiro apresenta - não nos parece comum trabalhadores

reunirem-se até aos domingos para estudar Marx e Engels, principalmente em um contexto histórico de forte tendência à negação de tais idéias e preceitos. As entrevistas assim “revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”. (PORTELLI, 1997, p. 31).

Por isso, torna-se produtiva e desveladora a aproximação mais intensa com as reflexões, desdobramentos e narrativas da prática desses trabalhadores, que se mostram dispostos a um processo de conscientização/luta ao afirmarem, por exemplo, em um dos encontros do qual participamos (2007): “gente, enquanto houver capitalismo há luta (...)”. Em continuidade às análises, acrescentou outro trabalhador, nessa mesma data:

(...) o medo de perder o emprego é enorme e ainda aí as formas de contratações, carteira assinada nem pensar, e fica o governo dizendo que está criando mil empregos, é contrato temporário, trabalhador na informalidade porque a maior parte do brasileiro está na informalidade, a questão do banco de horas dentro das empresas de quem está trabalhando com carteira assinada, criando mil maneiras para o trabalhador tá atado, e aí para onde é que nós vamos? É o fim do sindicalismo, é o fim da luta e a gente fica estrebuchando, porque se não estrebuchar é jogar a toalha, é se render de vez, é o que os patrões querem, aí fica ao bel-prazer.

Temos uma discussão que nos permite ampla leitura sobre o que vem acontecendo à classe trabalhadora e, melhor, o que alguns trabalhadores pensam sobre tais fenômenos, “pois o que é ler senão aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro? Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão”. (BOSI, 1994, p.21).

Cumprir destacar, não é simples a prática educativa implementada pelo grupo investigado, pois as lacunas deixadas pela escola são inúmeras. Também alguns trabalhadores são resistentes às concepções apresentadas por Marx e Engels: as crenças religiosas trazidas por muitos dos componentes complexificam as contradições e, sobretudo, o medo de perder o emprego e de anunciar o que pensam abala profundamente as possibilidades de manifestação. Assim, “eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças”. (BOSI, 1994, p. 20).

A oportunidade de observar um grupo de trabalhadores em fase de formação política, mesmo em “tempos neoliberais”, nos rende grande aprendizado. Embora não estejam em espaço acadêmico, vivenciam aspectos educacionais de, provavelmente,

mesma relevância teórica, com um elemento diverso: ultrapassam a teoria e procuram aproveitá-la em suas práxis de luta, ao realizarem, por exemplo, análises sobre o contexto social de que participam para que possam agir de forma consciente. Este aspecto foi apreendido das observações feitas ao grupo e do momento do debate sobre o movimento sindical na atualidade:

[...] o movimento sindical está fadado ao fracasso total, porque uma coisa é a cooptação, outra coisa é as formas que o governo encontra e os patrões para atacar o resto do movimento sindical. Hoje quando se faz uma greve tem o tribunal, que é o Estado, que decreta ilegalidade de greve, já diz que a greve é abusiva, já diz que têm não sei quantos trabalhadores que têm que tá dentro da empresa trabalhando e aí mata a greve, na hora que o sindicato não obedece vêm as multas de cinquenta mil, cem mil, o sindicato não tem dinheiro nem para sobreviver e as coisas acontecem no dia-a-dia. Quando não é vem a truculência da polícia ou até do exército, na hora que os trabalhadores param e partem para cima dos patrões para reivindicar, tão quebrando, tão com baderna, coisa parecida e o pau canta, como recentemente aconteceu com os vigilantes, no centro da cidade. (TRABALHADOR, 2007).

A prática do grupo não se restringe a aspectos teóricos, mas buscam na práxis, nos embates classistas, as demandas teóricas que discutem. Os agentes sociais em formação política selecionam as leituras mensais com base nas dificuldades que encontram no dia a dia, ou seja, almejam respostas teóricas para os fenômenos cotidianos. Como os escritos de Marx entram nesse contexto?

Os textos de Marx selecionados pelo grupo, geralmente, versam sobre o sindicalismo e as lutas de classes, como também outras análises capitalistas. Assim, a compreensão marxista é imprescindível, embora Marx não aborde, por exemplo, o neoliberalismo, o teórico faz uma severa crítica a Adam Smith e ao seu modelo econômico - o liberalismo - elementos teóricos que muito ajudam na compreensão dos fenômenos político-econômicos da contemporaneidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que muitas ações advindas do SINTIGRACE, pelo caráter reflexivo-combativo, apontam para atitudes de homens donos de si em busca de (re)escrever a própria história como classe. Os fatos analisados durante esta pesquisa apresentam indivíduos envolvidos na criação de novas condições à sua vida social, econômica e

cultural. É importante, portanto, reaver a possibilidade de reação dos trabalhadores aos ataques capitalistas e divulgar experiências nesse sentido para, quem sabe, contribuamos com essa luta, sobretudo, em virtude do crítico quadro de fragmentação e desarticulação das lutas trabalhistas, como relata um dos trabalhadores:

(...) pra que pior, hoje não existe uma central sindical que diga estamos norteando as lutas dos trabalhadores, ou seja, dos sem teto, dos sem terras, dos que não têm nada nesse país. Ou seja, não existe mais, então é a maior mentira o que está sendo pregado diariamente pelo governo, enganação para o povo que nunca vi nos últimos tempos. (...) Então, tudo isso que está sendo feito, além da truculência da polícia, além do judiciário e o Estado contra os trabalhadores, a cooptação e tudo, quer dizer, todo um aparato, tem todas as questões reunidas para o fim do movimento e tem mais uma coisa mais grave, a conjuntura é totalmente desfavorável a qualquer tipo de manifestação, qualquer tipo de luta, porque os trabalhadores nunca tiveram tanto medo de fazer greve como hoje, de fazer qualquer movimento. (TRABALHADOR, 2007).

Sem dúvida, essa narrativa nos aproxima dessas pessoas de carne e osso, que sonham, lutam, se revoltam e se desiludem com novas possibilidades. De antemão, preferimos concluir que não é assim tão ruim a desilusão, pois afinal essa irritação pode desencadear fúria e luta. Não pensamos em risadas diante da miséria e da expropriação do humano, nem há registros de revoluções socialistas conquistadas com flores. Então, nos encoraja a possibilidade de conhecermos os fenômenos como eles realmente são, superando definições meramente subjetivas e nos aproximando de aspectos do mundo real e concreto, em sua materialidade, assim como fundamenta Kosik (2002):

Quando o homem estiver compreendido na estrutura da realidade e a realidade for entendida como totalidade de natureza e história, serão criados os pressupostos para a solução da problemática filosófica do homem. Se a realidade é incompleta sem o homem, também o homem é igualmente fragmentário sem a realidade. Não se pode conhecer a natureza do homem na antropologia filosófica, a qual encerra o homem na subjetividade da consciência, da raça, da socialidade, e o separa radicalmente do universo. O conhecimento do universo e das leis do processo natural é *sempre*, direta ou indiretamente, também conhecimento do homem e conhecimento da sua natureza específica. (P. 250).

É em contato com os ciclos de debates dos trabalhadores que podemos constatar muito do que é denunciado por Antunes (2003, 1995), por exemplo, no momento em que

este discorre sobre os impactos do neoliberalismo e da reestruturação produtiva, na forma de ser da classe trabalhadora, em aspectos materiais e subjetivos. Observar-se também, o papel que pode assumir o Sindicato no tocante às lutas trabalhistas e ao esclarecimento político, constituindo espaços de reflexão e ação, que, em meio aos ataques neoliberais, distanciam-se bastante da práxis de luta.

Vemos, com apoio em nosso objeto, ante a uma concepção dialética, a possibilidade de compreender os fatos baseados em relatos do mundo do trabalho, relacionando-os às suas dimensões sócio-históricas, compreendendo nossos sujeitos e seu lugar no universo. Chegamos à conclusão de estarmos diante de um caso específico de resistência que se diferencia notoriamente do atual posicionamento de grande parte dos sindicatos no Brasil, que, em meio aos ataques neoliberais, se distanciam bastante da práxis de luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6ª reimpressão, São Paulo SP: Boitempo Editorial, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe – Estudos sobre a dialética marxista**. Tradução Rodnei Nascimento; Revisão da Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Livro Primeiro – O Processo de Produção do Capital – Volume I. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. 4ª edição, 1890, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.

MARX, Karl . **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri, São Paulo: Boitempo: 2004.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração, interpretação e**

significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro: UFF, Vol. 1, N.2, 1996, p.59-72.

_____. **Forma e significado na história oral.** A pesquisa como experimento em igualdade. *PROJETO HISTÓRIA*, 14, revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, 1997(a), p. 7-24.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros.**/Tradução de Maltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.